

PERFORMANCES INDÍGENAS MUDIATIZADAS PELO *INSTAGRAM*: ESTUDO DE CASO

INDIGENOUS PERFORMANCES MEDIATED BY *INSTAGRAM*: CASE STUDY

Rafael Sbeghen Hoff¹
Rebeca Freitas Vilhena²
Barbara Fernandes da Costa³

RESUMO

Como se dão as performances, usos e apropriações sobre o *Instagram* por jovens indígenas urbanos na contemporaneidade? O problema de pesquisa é respondido na observação de quatro perfis de jovens indígenas na plataforma, submetidos à análise de conteúdo e de discurso em suas postagens. Foram acionados os conceitos de processos de identificação (HALL, 2006) e contemporâneo (AGAMBEM, 2009), além de usos midiáticos e suas influências (OROZCO, 1997) em um contexto de resistência (MBEMBE, 2018; SANTOS, 2018) para refletir sobre o tema. As análises demonstram traços de resistência ao discurso político hegemônico em curso, assim como acoplamento tecnológico. O trabalho resulta de pesquisa desenvolvida em Programa de Iniciação Científica da UFAM, realizada com apoio da FAPEAM entre 2020 e 2021.

Palavras-chave: Discurso. Indígena. Jovens. Mídia. *Instagram*.

ABSTRACT

How are the performances, uses and appropriations of *Instagram* by young urban indigenous people in contemporary times? The research problem is answered in the observation of four profiles of indigenous young people on the platform, submitted to content and discourse analysis in their posts. The concepts of identification (HALL, 2006) and contemporary (AGAMBEM, 2009) processes, as well as media uses and their influences (OROZCO, 1997) in a context of resistance (MBEMBE, 2018; SANTOS, 2018) were activated to reflect on the theme. The analyzes demonstrate traces of resistance to the ongoing hegemonic political discourse, as well as technological coupling. The work results from research developed in the Scientific Initiation Program at UFAM, carried out with the support of FAPEAM between 2020 and 2021.

Keywords: Discourse. Indigenous. Youth. Media. *Instagram*.

¹ Doutor em Ciências da Comunicação e Informação, professor adjunto do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas e professor permanente do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Roraima. Manaus, Amazonas, Brasil. E-mail: rafael.hoff@yahoo.com.br. Orcid: [0000-0003-4745-5689](https://orcid.org/0000-0003-4745-5689). Rua Vicente Lauria, 105, apto. 204D, Aleixo, Manaus-AM, CEP 69060-700. (51) 991901365

² Estudante do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas, pesquisadora voluntária no Programa de Iniciação Científica. Manaus, Amazonas, Brasil. E-mail: vilhena.rebeca4@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3251-6832>.

³ Estudante do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas, pesquisadora bolsista FAPEAM junto ao Programa de Iniciação Científica. Manaus, Amazonas, Brasil. E-mail: barbarafernandess@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8014-2337>.

INTRODUÇÃO

Partimos do contexto de hiperconectividade e comunicabilidade digital presente nos centros urbanos, em especial entre os jovens, para tratar da interface entre os dispositivos e artefatos da cultura digital com a cultura e a herança étnica de jovens indígenas vivendo nas cidades (fora das comunidades indígenas). O presente estudo científico pretende, através da análise de conteúdo (BARDIN, 1977) e discurso (PECHÊUX, 2002) em postagens de quatro perfis no *Instagram* de jovens indígenas de diferentes etnias vivendo em contexto urbano: destacar o recorte social individual de cada jovem e compreender seus processos de identificação, os meios de expressão destes em um contexto midiático, e observar como se dão as relações destes jovens com as culturas indígenas de seus ancestrais.

Como procedimento metodológico elencamos o processo de seleção dos perfis de jovens autodeclarados indígenas, de diferentes etnias, na plataforma de compartilhamento de conteúdos e de interação entre usuários – *Instagram*. A partir da delimitação do período de coleta das postagens, foram constituídas coleções temáticas e categorias que emergiram do encontro entre pesquisadores e objeto empírico. A partir da análise de conteúdo das imagens e dos textos, cruzada com a análise discursiva dos autores, propomos uma leitura ampla e crítica sobre pistas que indiciam as formas como essas relações entre etnia, cultura e conexão digital se dão nesse grupo de jovens.

A pesquisa realizada como Iniciação Científica e que embasa este trabalho, aborda relações entre identidade e mídia. Para desenvolver essa temática, buscamos apoio nas ideias de processos identitários de Hall (2006). Esse autor aponta que as “fragmentações” ou “pluralidades” identitárias presentes no tecido social provocam “deslizamentos” sobre os significados e as construções teóricas entorno dos processos de identificação dos indivíduos:

As pessoas não identificam mais seus interesses sociais exclusivamente em termos de classe; a classe não pode servir como um dispositivo discursivo ou uma categoria mobilizadora através da qual todos os variados interesses e todas as variadas identidades das pessoas possam ser reconciliadas e representadas. De forma crescente, as paisagens políticas do mundo moderno são fraturadas dessa forma por identificações rivais e deslocantes – advindas, especialmente, da erosão

da “identidade mestra” da classe e da emergência de novas identidades, pertencentes à nova base política definida pelos novos movimentos sociais: o feminismo, as lutas negras, os movimentos de libertação nacional, os movimentos antinucleares e ecológicos. (MERCER, 1990 apud HALL, 2006, p.20-21)

Por isso, não tomamos a identidade como um elemento único, monolítico, constituidor dos sujeitos, pois estamos lidando com seres e suas pluralidades, fragmentações e dinâmicas (subjetivas e sociais). Os processos de identificação, nesse sentido, se opõem à ideia de uma identidade única, fixa e rígida, para admitirem mudanças e transformações que configuram sujeitos e sociedades.

Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de diferença. (HALL, 2006, p.21)

Diferença é um termo/conceito que marca a constituição do objeto empírico estudado, o grupo de jovens analisados que se auto identificam como indígenas em seus perfis na plataforma, destoando do senso comum sobre o “ser indígena” no Brasil contemporâneo. Tal como expressa a Figura 1, na postagem da ativista indígena @alice_pataxo (que não faz parte do *corpus* e é tomada apenas como exemplo) é possível perceber – assim como em vários outros perfis utilizados por jovens indígenas com o mesmo teor de conteúdo na plataforma - uma afirmação discursiva que procura “atualizar” essa noção associada aos povos “menos civilizados”. Essa concepção é calcada na epistemologia eurocêntrica dos viajantes que “descobriram” o país e por aqui se instalaram desde o século XIV.

Figura 1 – Post de @alice_pataxo, ativista indígena, no *Instagram*



Fonte: @alice_pataxo – *Instagram* (2020)

Na imagem, uma jovem mulher com adereços (pulseiras) em cores e formas que remetem aos padrões utilizados pelos povos indígenas brasileiros em sua arte corporal e no artesanato, empunha uma câmera fotográfica digital, perfilada em relação à câmera que registra a imagem. Ela está sob uma cobertura (à sombra), em primeiro plano, com camiseta branca, cabelos compridos soltos e uma máscara de proteção individual sob o queixo.

Na legenda, o texto afirma: “Hoje fazemos da câmera uma arma, uma ferramenta de resistência”, o que nos permite inferir que ela fala em nome de um coletivo e este sofre a ação de uma força (ao qual resiste). Continua: “...a tecnologia domina o mundo mas não nos deixamos à mercê, ainda somos nós, com a mesma luta...”. Esse trecho expressa a percepção de que a tecnologia serve ao sujeito, reforçando ainda a concepção de um sujeito coletivo que resiste, que luta, que reivindica, que se opõe “aos outros” que não são (em oposição) desse coletivo. Ao caracterizar e diferenciar o *nós* dos *outros*, a autora elenca: “nossa fala, nossa cultura, povo e língua.”

A partir da relação entre imagem e texto, buscando nas demais postagens no mesmo perfil a contextualização do enunciador e reconhecemos que se trata do povo indígena da etnia pataxó e da luta pelos direitos indígenas no Brasil. A autora finaliza: “Somos resistência, e hoje somos resistência registrada, fotografada, filmada.” Essa performance digital da jovem @alice_pataxo demonstra o que entendemos por ativismo

digital entre os jovens indígenas que resistem a uma necropolítica (MBEMBE, 2018), em especial no país.

O ocidente criou um modelo cosmofágico, engolidor de mundos, que prioriza mais um estilo de vida do que a própria vida. Assumimos o termo cosmofagia para explicar um movimento de ataques às diversas cosmologias existentes em Gaia. Os ataques não são feitos apenas pelo Estado, mas por aqueles que desconsideram a diversidade e a riqueza de conhecimento cosmológico. O problema é que no caso brasileiro, estamos vendo o Estado servindo como instrumento para esse modelo de poder escuso, com agravamentos evidentes no Governo de Jair Bolsonaro. (FRANCO; DA SILVA, 2020, p.183)

Conflitos e/ou reforços discursivos aos estereótipos e ao imaginário coletivo (de raízes colonialistas e eurocêntricas) a respeito das identidades indígenas a partir das postagens destes jovens que compõem o *corpus* empírico da pesquisa são alvo da investigação empregada, uma vez que a condição urbana de moradia e vivência desses nas cidades (fora das tribos) se apresenta como ponto elementar para a discussão sobre relações entre território, cultura e processos de identificação. Esses traços são reforçados por Hall (2006):

A lealdade e a identificação que, numa era pré-moderna ou em sociedades mais tradicionais, eram dadas à tribo, ao povo, à religião e à região, foram transferidas, gradualmente, nas sociedades ocidentais, à cultura nacional. As diferenças regionais e étnicas foram gradualmente sendo colocadas, de forma subordinada, sob aquilo que Gellner chama de “teto político” do estado-nação, que se tornou, assim, uma fonte poderosa de significados para as identidades culturais modernas. (HALL, 2006, p. 49)

A pressão dessa “identidade nacional” se dá pelos discursos midiáticos, midiaticizados e governamentais. É desta perspectiva que abordamos o contrafluxo, nas particularidades étnicas e regionais, com ênfase sobre as identidades indígenas no atual contexto político nacional.

Entre os anos de 2019 e 2022, os quais foram comandados por Jair Messias Bolsonaro, várias políticas governamentais procuraram restringir e/ou invalidar a identidade indígena. Exemplo disso pode ser citado a partir de notícias⁴ e ações

⁴ Tal como exemplifica as informações publicadas na mídia e disponíveis nos sites:
<https://noticias.uol.com.br/colunas/rubens-valente/2020/12/14/plano-vacinacao-governo-bolsonaro->

implementadas em meio à pandemia do novo Coronavírus (2020 e 2021). É nesse contexto que a pesquisa procurou se justificar: observar, mapear e descrever as relações identitárias de jovens indígenas vivendo em contexto urbano a partir de seus discursos mediados em plataformas de interação digital. A comunicação por meio das imagens, sejam elas estáticas ou em movimento, como traço de distinção da comunicação mediada pelos jovens nos dias de hoje, se mostra pertinente aos estudos desenvolvidos pelo Grupo de Pesquisa em Processos Imagéticos da UFAM.

CONTEMPORANEIDADE E MÍDIA

O indivíduo no contexto urbano está sujeito a uma concentração maior de estímulos e discursos, em diferentes linguagens, com o viés hegemônico. A cidade, com suas diferenças, suas políticas e seus fluxos, se mostra como várias em uma, a partir da perspectiva urbana. Seja na cidade que possui ruas mais largas do que calçadas, enfatizando a prevalência dos carros (máquinas) sobre o trânsito de pedestres, seja na determinação das áreas nobres e valorizadas em detrimento daquilo popularmente chamado de periferia (reforçando a ideia de oposição centro/arredores, que remonta a organização dos burgos ao redor dos castelos na idade média europeia), as cidades são marcadas por conflitos que, muitas vezes, partem do território e de seu valor / preço para a sociedade que nela habita. Desse exemplo já podemos identificar, por alto, a presença de um viés eurocentrista que conforma o contexto urbano e, portanto, se opõe à visão decolonial⁵ e das epistemologias do Sul (SANTOS, 2018a, 2018b), que procura enfatizar a perspectiva teórica sobre as realidades vividas a partir das particularidades da América Latina.

Retornando ao exemplo dado sobre as cidades, se as ruas e as calçadas, as preferenciais e as vicinais são resultado dessas arbitrariedades (políticas de urbanização),

[indigenas.htm](#) e <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-02-04/governo-bolsonaro-manobra-para-travar-a-demarcacao-de-terras-indigenas-no-brasil.html> e <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51229884>.

⁵ A visão decolonial diz respeito a um pensamento que se desprende de uma lógica eurocentrista e se abre para uma pluralidade de vozes e caminhos. Um dos principais disseminadores deste tipo de visão é Boaventura de Sousa Santos ao abordar a lógica de epistemologias do sul. Em linhas gerais, a ideia que expande a imaginação fora do eixo norte global.

as pichações nos muros e as marcas deixadas sobre o gramado dos parques, fora dos caminhos pavimentados, são as pistas de uma “subversão” ordinária de mesma ordem. Essas vivências, diferentes entre si, se colocam também na perspectiva do tempo. Aqui, abordamos o tempo como tempos vários, já que nele se configuram experiências e vivências assimétricas entre si. Percebemos essas diferenças quando, por exemplo, tratamos sobre a conectividade e a cultura digital no Brasil.

A disparidade entre localidades, algumas com alta densidade demográfica e, portanto, maior oferta de produtos e serviços subsidiados pela relação oferta/demanda, contrastam com os “vazios” ou “desertos” midiáticos das regiões continentais ou de difícil acesso (como é o caso das cidades que só podem ser acessadas por meio fluvial na Amazônia). O resultado é um descompasso no entendimento de um mesmo tempo, em que realidades tão diferentes poderiam configurar “tempos” múltiplos de uma mesma realidade.

O conceito de contemporâneo proposto por Agamben (2009), do qual fazemos uso para contextualizar a pesquisa, parece pertinente para subsidiar essa perspectiva:

A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela. (AGAMBEN, 2009, p.59)

O filósofo italiano Agamben (2009) discute o termo e aponta que o conceito está ligado às relações de tempo e de espaço que o indivíduo analisado está presente. No caso dos jovens indígenas vivendo em contextos urbanos, entendemos empiricamente que estes vivem no limiar de dois tempos, ora vinculado à cultura originária (étnica) e em sintonia com a natureza (e seus ciclos), ora sob a marcha do tempo contado e acelerado das vivências na sociedade civil organizada, branca, capitalista e cristã que predomina nos contextos urbanos. Esses sujeitos urbanos do século XXI podem ser considerados objetos de investigação do contemporâneo, tendo em vista que o pesquisador toma para

si o desafio de olhar para os elementos (nem sempre sincrônicos) do tempo presente.

Agamben (2009) ainda reforça:

contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro. Todos os tempos são, para quem deles experimenta contemporaneidade, obscuros. Contemporâneo é, justamente, aquele que sabe ver a obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente. (AGAMBEN, 2009, p. 63)

Para o autor, a obscuridade não é a “não-visão”, mas o resultado das atividades celulares presentes no sistema ocular. Com esse exemplo, ele reforça a intencionalidade e a ação investigativa do pesquisador no processo de produção de sentidos sobre o objeto analisado, configurando a tal contemporaneidade. O conceito de contemporâneo está ligado a um ideal de abstração, tendo em vista a busca incansável pelo “novo” e atual que a sociedade trava. Um dos elementos elencados por esta pesquisa para configurar um traço de “novidade” está no uso das mídias digitais como ferramentas comunicativas.

Nesse tempo presente, passamos então a reconhecer o papel da mídia na construção do conhecimento sobre o mundo e na profusão de discursos vários, configurando um mosaico amplo e complexo de processos de identificação e silenciamentos, validações e negações de diferentes ordens, numa ação sutil e cotidiana. “Los médios non son entes monolíticos. Su influencia, más que por imposición violenta, se realiza sutilmente, por complicidad, por ausência de otros mecanismos jurídicos que normen y legislen su funcionamiento en las sociedades contemporáneas” (OROZCO, 1997, p.26).

O conhecimento de mundo e as autonarrativas dos jovens indígenas constituem processos de identificação complexos, ora influenciando o reconhecimento de si diante dos outros, ora projetando essa identidade para outros sujeitos que interagem com esse discurso, de maneira direta ou indireta. É o que os pesquisadores Neves e Franco (2020) descrevem como formação de redes sociais cibernéticas:

as conexões de uma rede são constituídas de nós e arestas. Elas são os diversos laços que ligam os atores. É a atuação de um ator em relação ao outro, ou seja, a interação em si. As conexões implicam em um processo comunicacional que, no ciberespaço, possui características próprias. [...] Na Internet, é recorrente a presença de laços fracos e voláteis, pois há um distanciamento entre o perfil digital e o corpo físico do ator. Por outro lado, essa característica das redes digitais traz um sentimento de maior liberdade aos envolvidos na relação, que podem

construir suas personas de acordo com o que lhes é mais conveniente. Os laços podem ser ainda multiplexos. Ou seja, eles podem refletir interações que ocorrem em vários níveis, espaços e sistemas. Laços fortes tendem a ser multiplexos e a marcarem uma desterritorialização, na qual novos espaços compõem a interação, até mesmo no ambiente off-line. (NEVES; FRANCO, 2020, p. 9)

As mídias e a comunicação de massa têm passado por transformações a partir da evolução tecnológica percebida no campo. Essas transformações, por exemplo, têm impactado na forma de consumir e/ou na liberdade de produzir e publicizar conteúdos informativos. De acordo com Jenkins (2009), em sua obra *Cultura da Convergência*:

A convergência não ocorre por meio de aparelhos, por mais sofisticados que venham a ser. A convergência ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com outros. Cada um de nós constrói a própria mitologia pessoal, a partir de pedaços e fragmentos de informações extraídos do fluxo midiático e transformados em recursos através dos quais compreendemos nossa vida cotidiana. Por haver mais informações sobre determinado assunto do que alguém possa guardar na cabeça, há um incentivo extra para que conversemos entre nós sobre a mídia que consumimos. Essas conversas geram um burburinho cada vez mais valorizado pelo mercado das mídias. (JENKINS, 2009, p. 31)

O texto de Jenkins (2009) aponta para a força da influência midiática sobre a construção do cotidiano e dos assuntos colocados em pauta nos espaços informais. A performance comunicativa individual nas plataformas digitais está, cada vez mais, entrelaçada e atravessada pelos conteúdos midiáticos nos contextos culturais urbanos.

A ideia da convergência das informações através da mídia possibilita aos receptores somar, de maneira prática e eficaz, inúmeras fontes e informação para a criação de conteúdos pessoais. O *Instagram* é um exemplo: criado em 2010, a plataforma digital foi produzida com o intuito de permitir o compartilhamento de fotos e vídeos entre os usuários. O *Instagram* é uma rede social que permite o compartilhamento de fotos e vídeos de maneira instantânea, e que possui cerca de 800 milhões de usuários no mundo⁶. No Brasil é a terceira rede social mais utilizada e apresenta um crescimento de 5% por trimestre⁷.

⁶ <https://www.apptuts.net/tutorial/redes-sociais/quantos-usuarios-do-instagram-existem-no-brasil-mundo-2017/>

⁷ <https://canaltech.com.br/redes-sociais/instagram-bate-marca-de-1-bilhao-de-usuarios-ativos-116344/>

A plataforma possibilita a conectividade de maneira simples e acessível (navegação e usabilidade intuitivas), facilitando o processo migratório dos internautas mais jovens, que deixaram de utilizar o *Facebook* (ainda que os perfis não sejam apagados) para utilizarem como rede primária de comunicação, o *Instagram*. A plataforma ainda possui a possibilidade de integração com o *Facebook*, durante as postagens de conteúdo, utilizando *hiperlinks* nos perfis do mesmo usuário. Além disso, a plataforma também disponibiliza a ferramenta de mensagens diretas a outros usuários/perfis, tudo por meio da tela de *smartphones* (principal meio de acesso à plataforma). Um diferencial dessa plataforma em relação ao *Facebook* é que um usuário pode ter mais de um perfil, com vários usos possíveis (profissional, pessoal, temático...).

Pessoas com os mais diferenciados perfis encontram na rede social uma forma de publicizar o conhecimento e/ou experiências, comunicando suas vivências e propondo debates sobre os mais variados assuntos, além de construírem laços com outros usuários, formando suas redes de relação interpessoal. O papel de consumidor de informações se mistura ao papel de produtor de conteúdo e, no aspecto das autonarrativas, compõe um exercício de organização dos pensamentos e construção ordenada, racional (e emotiva), de um sujeito que fala de si para o mundo. Dessa forma, a abordagem se concentra sobre o aspecto dos sentidos que emergem dos discursos (imagéticos ou textuais) sobre si e sobre o mundo em que vivem esses jovens indígenas tomados como objeto empírico da pesquisa.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa desenvolvida em 2019 no Programa de Iniciação Científica (PIBIC-UFAM) pelas duas discentes, sob orientação docente, procuraram selecionar quatro perfis de jovens que, mesmo morando em contextos urbanos, mostrassem previamente e empiricamente manifestações de apreço, resgate e/ou valorização das suas etnias indígenas. A delimitação do período de análise coincidente entre os quatro perfis foi definida de janeiro a julho de 2020, com o intuito de atender às exigências e cronograma do PIBIC-UFAM.

Foram escolhidos os perfis de Julie, Wes, Moara e Gustavo. Moara é Tupinambá, Julie Dorrico é Macuxi, Wescritor é Tupinambá de Olivença e Gustavo Caboco é Wapichana. Esses jovens, entre 22 e 36 anos, utilizam as mídias digitais para compartilhar suas experiências.

Os perfis são: @moarabrasil, @wescritor, @gustavocaboco, @dorricojulie. Observando o perfil desses quatro jovens, representantes de três etnias indígenas, procuramos compreender como se dá o processo de comunicação e como os jovens se relacionam com os processos identitários em um meio midiático abrangente, em especial tomando o contexto político nacional nesse início da terceira década do século XXI.

Para estudar esse ambiente digital usamos metodologias de Estudos de Redes Sociais e Análise Etnográfica (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011). Também foram aplicados sobre os conteúdos a Análise de Discurso de linha francesa (PÊCHEUX, 2002; ORLANDI, 2003; MAZIÈRE, 2007) e Análise do Conteúdo (FRANCO, 2005), além de análise de imagens (SOUSA, 2006; BAUER; GASKEL, 2008).

As postagens formaram coleções temáticas, com categorias de análise que emergiram do encontro entre os pesquisadores e o objeto, tal como preconiza a epistemologia da Complexidade (MORIN, 2005, 2000, 1997). A partir de percursos, leituras e do próprio processo de composição dessas coleções temáticas, foram aplicadas as técnicas de análise para dar a ver no objeto empírico suas características, suas relações e suas subjetividades.

4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES A PARTIR DOS DADOS

Das análises empregadas sobre os perfis do *Instagram* descritos pode-se inferir que os jovens componentes dessa pesquisa, vivendo em contexto urbano, passam por uma retomada de suas ancestralidades como marca discursiva. Essa retomada é iniciada pelo embate promovido a partir de suas trajetórias de vida, com distanciamentos e “apagamentos” em seus processos identitários indígenas impostos em nome de uma identidade sob o “teto-político” nacional (HALL, 2006).

A memória ancestral pertencente a um grupo e a etnicidade são constantemente acionadas na subjetividade dos sujeitos analisados a partir das autonarrativas

mediatizadas, e se tornam elementos importantes para o autoconhecimento e afirmação desse na formação de nós e arestas que constituem as redes sociais digitais na plataforma. Esses jovens, ao se depararem com os enquadramentos propostos pelo imaginário eurocêntrico, são chamados a adequações inconsistentes com sua realidade vivenciada. Exemplos seriam: indígena não pode utilizar *smartphone*, indígena não pode tirar *selfie*, indígena deve sempre “corresponder a um biotipo específico”, entre outros.

Em média foram analisadas 107 postagens no *Instagram*, sendo estas 45 postagens de Moara Tupinambá, 18 postagens de Gustavo, 9 de Wesley e 35 Julie Dorrico. Alguns temas ou categorias emergiram do encontro dos pesquisadores com o objeto empírico e foram utilizados para a constituição das coleções: Apoio (apelo ao engajamento e/ou formação de redes com a temática indígena), Artista (exposição das produções artísticas como forma de expressão dessas autonarrativas), Família (apologia às relações afetivas com a etnia), Raízes (elementos culturais enaltecidos imagética e discursivamente como afirmação de vínculo com os processos identitários indígenas) e História (conteúdos relacionados à memória e à tradição desses jovens).

Nem todas as categorias apareceram com a mesma frequência nos perfis analisados, mas esses agrupamentos auxiliaram na leitura ampla dos usos, através das autonarrativas empregadas pelos sujeitos na plataforma. As manifestações, no plano do conteúdo, mesclaram imagens e textos (legenda), tal como a plataforma permite. Poucas utilizaram o recurso de marcação (#hashtags) que permite a rastreabilidade dos conteúdos na plataforma. Na pesquisa, não foram contabilizadas as manifestações dos usuários, mas a intencionalidade dos produtores de conteúdo.

Os traços culturais típicos de cada etnia indígena a que esses jovens se vinculam apareceram mais frequentemente nas categorias História, Família, Raízes e Artista. Esses traços puderam ser identificados nas vestimentas, rituais, pinturas corporais e/ou de objetos, biotipo dos personagens registrados, espaços e localidades em que os registros foram feitos, entre outros. A Figura 1 demonstra a postagem de @moarabrasil, que revela um ritual indígena (Corrida do Umbu), enquadrada em Raízes.

Figura 1 – Postagem da categoria Raízes



Fonte: @moarabrazil (2020)

No plano discursivo, essas mesmas categorias podem ser lidas como manifestações de resistência ao apagamento proposto pelo “teto-social”. Ele parece entrar em consonância com o que Mbembe (2018) aponta em seu ensaio como essência da necropolítica. Para o filósofo:

o biopoder parece funcionar mediante a divisão entre as pessoas que devem viver e as que devem morrer. Operando com base em uma divisão entre os vivos e os mortos, tal poder se define em relação a um campo biológico - do qual toma o controle e no qual se inscreve. Esse controle pressupõe a distribuição da espécie humana em grupos, a subdivisão da população em subgrupos e o estabelecimento de uma censura biológica entre uns e outros. Isso é o que Foucault rotula com o termo (aparentemente familiar) “racismo”. (MBEMBE, 2016, p. 128)

Mbembe (2016) escreve ainda que esse racismo, ampliado para questões e parâmetros econômicos na contemporaneidade, se faz presente através da prática e do discurso político que autoriza e/ou é condescendente com as máquinas de morte implementadas contra o outro.

Arendt localiza suas raízes na experiência demolidora da alteridade e sugere que a política da raça, em última análise, está relacionada com a política da morte. Com efeito, em termos foucaultianos, racismo é acima de tudo uma tecnologia destinada a permitir o exercício do biopoder, “aquele velho direito soberano de morte”. Na economia do biopoder, a função do racismo é regular a distribuição de morte e tornar possível as funções assassinas do Estado. Segundo Foucault, essa é “a condição para a aceitabilidade do fazer morrer”. (MBEMBE, 2018, p. 128)

No caso dos perfis dos jovens, analisados na pesquisa que deu origem a este trabalho, a busca por uma reconstrução ou preservação das raízes identitárias indígenas se dá por meio das postagens, dos conteúdos curados, selecionados, preparados para compor as coleções privadas (autonarrativas) de imagens e textos que “alimentam” esses espaços digitais na plataforma. Ainda que as performances se deem de maneira diversa entre eles, e que alguns não manifestem uma adesão completa às diretrizes, normas e potencialidades (algorítmicas) do *Instagram* para aumentarem o alcance de divulgação dos seus conteúdos (como o não uso de *hashtags*), é possível interpretar esse uso também como uma forma de resistência à programação escondida na “caixa preta” e nos algoritmos (Flusser, (1985); Araújo; Magalhães, (2018) das plataformas e aplicativos em artefatos da cultura digital.

As fotografias parecem obedecer a um “padrão” de imagens vigentes e/ou aceitas no *Instagram* (que exclui imagens onde apareçam mamilos, considerados ofensivos pela política da plataforma). Essas performances midiaticizadas demonstram, por meio desses detalhes e nuances, a junção tecnológica que se dá não apenas pelo uso, mas pela apropriação e adoção de tais regramentos e padrões comportamentais, orientando tais ações de produção de conteúdo na plataforma. É desse conteúdo performatizado que inferimos a possibilidade de uma cultura digital que ora se manifesta por meio da adesão aos padrões impostos, ora pela resistência através dos conteúdos propostos.

Figura 2 – Postagem da categoria Arte



Fonte: @gustavo.caboco (2020)

A arte (como exemplificado pela postagem do perfil @gustavo.caboco na Figura 2) se apresentou durante as análises como uma potente ferramenta de expressão, onde é possível ver um exercício de representatividade, de autoconhecimento, de conexão ancestral e expressão da vivência indígena nos conteúdos postados. Moara, em sua série de colagens, trata sobre seu sentimento de reconexão, de reconhecimento, uma vez que a legenda descreve o processo de criação em um momento de reencontro com sua feminilidade indígena com Pachamama. Gustavo, como demonstra a Figura 2, destaca elementos de sua história de vida na fase tribalizada, como a banana, representando o que era abundante para o povo indígena de sua etnia e que depois se tornou raro em seu cotidiano (dado o valor e escassez da fruta em árvores no ambiente urbano). Ele reforça esses elementos em suas obras artísticas como uma forma de traçar um ponto de início, ou isso que chamamos de retomada da relação com a ancestralidade.

Figura 3 – Postagem da categoria Arte



Fonte: @gustavo.caboco (2020)

A legenda da Figura 3 reforça essa perspectiva na medida em que manifesta a retomada ou, como diz o autor, “retorno à terra”, neste caso de maneira física, já que a

fotografia registra sua presença na cidade de Curitiba, no encontro com familiares da etnia Makuchana presentes por lá. O fato de tornar esse conteúdo memorável e midiaticado demonstra o valor do evento e do próprio ato de registrar (imagética e textualmente) esses percursos, encontros, territórios ocupados.

Por fim, apontamos para a importância da comunicação imagética, via telas de *smartphones* e aplicativos de interação social, como importante elemento da cultura digital contemporânea, que atualiza os processos de identificação dos jovens, incluindo nesse contexto aqueles identificados como indígenas.

O próprio termo indígena, adotado neste texto e pelos jovens estudados, passou a ser encarado como natural para a designação desses povos originários, sem grandes contestações, apesar de encontrar sua origem no erro de designação dado pelos viajantes europeus em seu destino às Índias (continente asiático) nos séculos XIV e XV. Ainda assim, a resistência e a luta por reconhecimento, por desconstrução dos estereótipos e pela atualização das condições de vida dos jovens indígenas se faz presente nos discursos e conteúdos postados. Território e processos identitários na contemporaneidade são tão imbricados quanto no passado, e enfrentam a força do capitalismo que financia a necropolítica em curso sobre essas etnias, mas não sem resistência, tal como preconiza Santos (2018):

Na América Latina os camponeses estão a viver uma nova dimensão da crise causada pelo novo interesse do capitalismo global na compra de terra. Trata-se da aquisição massiva de terra por parte de empresas multinacionais, agentes financeiros e mesmo Estados estrangeiros que fazem tábua rasa dos direitos ancestrais dos camponeses e os expulsam do seu mundo rural. Por sua vez, os povos indígenas da América Latina têm contribuído decisivamente nas duas últimas décadas para dar visibilidade à dimensão civilizacional da crise, ou seja, para a concepção da crise global do capitalismo, não apenas como crise de um modo de produção, mas sobretudo como crise de um modo de vida, de convivência e de relação com a natureza. (SANTOS, 2018. p.678)

Como traço geral dos conteúdos analisados, percebemos que a resistência dos jovens indígenas às propostas de enquadramento e/ou apagamento em discursos hegemônicos se dá de maneira pacífica. Este parece ser um traço distintivo dos perfis analisados: a militância aparece pela articulação, pelo diálogo e pela visibilidade promovida aos traços culturais e étnicos, sem entrar em conflito com outros

posicionamentos. Resiliência talvez seja a palavra mais adequada para designar esse “espírito” manifestado nas postagens que compõem esse *corpus* sob análise.

Ainda que o governo brasileiro manifeste, em diversos momentos e por diversas maneiras, um discurso que explicita uma necropolítica voltada aos indígenas no Brasil, essa resistência se dá na ocupação dos territórios (simbólicos e físicos) e na manutenção de uma postura de ruptura com os estereótipos. O próprio fator de geração de imagens para constituição de autonarrativas parece promover um ruído no imaginário sobre os povos indígenas. O trânsito entre as realidades urbana e tribalizada também configura um ponto crítico, tendo em vista que confrontar esse imaginário com a representação de uma realidade dissonante. Além disso, a busca por essas relações étnicas protagonizadas por pessoas que nem sempre correspondem ao biotipo imaginado para jovens indígenas (e o fato de reivindicar o direito de existir assim em um ambiente hostil, branco, capitalista e cristão) eleva esses discursos à qualidade de resistência.

A plataforma *Instagram* se mostra profícua à produção de conteúdo midiático autoral (em certa medida) e sua circulação por parte desses jovens. A comunicação imagética iconográfica é, sem dúvida, predominante entre os perfis analisados, não permitindo que se possa ter certeza se essa condição é derivada da característica da própria plataforma, de um domínio precário dos dispositivos e artefatos da cultura digital pelos jovens ou da opção subjetiva desses sujeitos por essa linguagem.

Temos consciência de que uma alfabetização sobre a cultura digital e seus meandros pudesse / possa interferir significativamente sobre o alcance das mensagens postadas, mas essa se mostra uma potencialidade que o estudo oferece para outras intervenções, seja como projetos de extensão, seja na perspectiva de uma pesquisa-ação.

O percurso investigativo trilhado pelas discentes e pelo docente durante a pesquisa contribuiu para o entendimento sobre mais uma das múltiplas faces do fenômeno comunicativo de produção, circulação e consumo de imagens sobre/da/para as Amazônias. Demarcamos também, neste texto, o princípio epistemológico de que, assim como as identidades são derivadas de processos de identificação que resultam em identidades múltiplas, fragmentadas ou fracionadas, a Amazônia é um constructo simbólico que passa pelo mesmo processo: uma imposição do viés de unicidade em prol

do discurso hegemônico, silenciando e negligenciando suas diferenças (e diversidade) interna. Daí a razão para adotarmos Amazônias.

Após a realização da pesquisa, observou-se que jovens indígenas urbanos têm ampliado suas vivências através das mídias sociais. A junção entre história e modernidade mostram como tais discursos podem auxiliar na disseminação informativa sobre como vivências indígenas podem auxiliar na retomada histórica de raízes que foram apagadas com o tempo. Das análises empregadas pode-se inferir que os jovens componentes dessa pesquisa, vivendo em contexto urbano, passam por uma retomada de suas ancestralidades como marca discursiva.

REFERÊNCIAS

AGAMBEM, Giorgio. **O que é ser contemporâneo?** Chapecó: Argos, 2009.

ARAÚJO, Willian Fernandes de; MAGALHÃES, João Carlos. Eu, eu mesmo e o algoritmo: como usuários do Twitter falam sobre o “algoritmo” para performar a si mesmos. In **Anais do XXVII Encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação - Compós**. Belo Horizonte: 2018. Disponível em http://www.compos.org.br/data/arquivos_2018/trabalhos_arquivo_0UTVQBQ76VDU93C71N1A_27_6864_26_02_2018_13_27_22.pdf

BAUER, Martin W.; GASKELL, George (orgs.) Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

FLUSSER, Villém. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: HUCITEC, 1985.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FRANCO, Maria Laura P. B. Análise do conteúdo. 2ª ed. Brasília: Líber Livro, 2005.

FRANCO, Thiago Cardoso; DA SILVA, Marcelo Rodrigo. Cosmofagia e net-ativismo indígena brasileiro, durante a pandemia de Covid-19. In Chasqui - **Revista Latinoamericana de Comunicación** N.º 145, diciembre 2020 - marzo 2021. Equador: CIESPAL. Disponível em <https://dialnet.unirioja.es/download/articulo/7718835.pdf>.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JENKINS, Henry. **A cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

MAZIÈRE, Francine. **A análise do discurso: história e práticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte**. In Revista Arte & Ensaio. Trad. de Renata Santini. N-1 Edições, 2018.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX – o espírito do tempo**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

_____. **Ciência com consciência**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

NEVES, Soriany; FRANCO, Thiago Cardoso. A pandemia na floresta e o net-ativismo indígena: as apropriações das redes no combate ao Covid-19, no Amazonas. In **Anais do XIII Simpósio Nacional da ABCiber**, 2020. Disponível em <https://abciber.org.br/simposios/index.php/virtualabciber/virtual2020/paper/viewFile/1033/579>.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2003.

PECHÊUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 3ª ed, 2002.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Construindo as epistemologias do sul: antologia essencial – para um pensamento alternativo de alternativas**. V.1. Buenos Aires: CLACSO, 2018a.

_____. **Construindo as epistemologias do sul: antologia essencial – para um pensamento alternativo de alternativas**. V.2. Buenos Aires: CLACSO, 2018b.

_____. **Derechos humanos, democracia y desarrollo**. Bogotá: Centro de estudios de derechos, justicia y sociedad, dejusticia, 2014.

_____. **Descolonizar el saber, reinventar el poder**. Montevideo: Ediciones Trilce, 2010.